

# Centro comunitário no Distrito de Capo-Erê, Erechim - RS

Ao mesmo tempo que costumamos associar o meio rural como um espaço subdesenvolvido, sem oportunidades e distante das tecnologias básicas, a definição do mesmo está cada vez mais difícil. Hoje, rural e urbano são espaços bastante integrados, e inclusive diversos autores discutem quais são os critérios que diferenciam um do outro. Seja a definição dada a partir de análise de território, população, limites agrários ou até mesmo pela oferta de serviços básicos e diferenciados, é preciso cuidar para que essa ideia atual de integração entre rural e urbano não mascare os problemas de uma determinada região



Se pensarmos que a globalização é algo que já avança em todos os territórios - mais em uns e menos em outros, - poderíamos supor que o simples fato de um povoado rural contar com serviços básicos como água, luz e internet já o torna um ambiente desenvolvido, ou ainda, condizente com as necessidades de sua população.

Segundo Costa et al (2008), atualmente observamos a complexificação do mundo rural, decorrente da modernização da segunda metade do século XX e da progressiva urbanização da vida rural.

Não podemos negar que as facilidades trazidas por um mundo conectado e onde tudo acontece de maneira rápida contribuem para o desenvolvimento de lugares que antes sequer poderiam obter estes benefícios. Mas, considerando que o Brasil é um país que ainda possui comunidades rurais afastadas de grandes centros e de suas oportunidades, contar com uma simples urbanização disfarçada de oferta de serviços não é solução para os problemas de sua população.

Para que uma comunidade viva bem, é preciso muito mais que a oferta de produtos e funções, que muitas vezes estão associados à urbanização. É necessário investir em espaços adequados para que todas as atividades sejam desenvolvidas de forma plena e saudável. E para amenizar essas desigualdades que existem entre espaços, o meio rural merece atenção e deve contar com políticas públicas para a inclusão de seus moradores.



Além da falta de locais ideais, atualmente se tem uma imagem generalizada do campo como espaço verde, natural e portanto ideal para o contato direto com a natureza. Mas, na maioria das vezes, o desfrute dessas áreas é destinado para pessoas que pagam por isso; ironicamente, muitas delas residem em área urbana. Ou seja, se não há interesse e investimento privado envolvido, dificilmente o meio rural poderá contar com programas que incentivem a criação de ambientes privilegiados nas comunidades.

A partir dessa análise que se propõe a intervenção em uma área rural afastada do centro urbano, onde a existência de equipamentos, comércio e serviços não se mostra suficiente para promover uma vida confortável e composta de opções variadas para o lazer e acesso à todas as formas de conhecimento da população. Desta forma, justifica-se a ideia de propor nichos de estar e uma arquitetura de usos variados para que os habitantes da região também tenham a possibilidade de desfrutar do espaço, seja para a prática de atividades físicas de lazer, cultura, formação e troca de experiências entre pessoas. O projeto, assim, procura se conformar em um elemento de encontro que contemple diferentes grupos dentro da comunidade.

## DIRETRIZES DO PROJETO

### 1. PRIORIZAR O USUÁRIO

Na área destinada à localização do Centro Comunitário, a prioridade principal será o usuário, e não os veículos. O estacionamento serão trabalhados no projeto, inclusive pela condicionante de ocupação do solo no local.

### 2. CRIAR ACESSOS PERMEÁVEIS

Fazer com que os acessos atravessem os espaços construídos, permitindo a permeabilidade entre diferentes áreas. Fundamental que haja visibilidade e fluxo constante de pessoas desde os acessos.

### 3. INCENTIVAR A APROPRIAÇÃO

Oferecer diferentes possibilidades de apropriação da edificação, que poderão ir além da sua destinação programada.

### 4. INTEGRAR ESPAÇOS

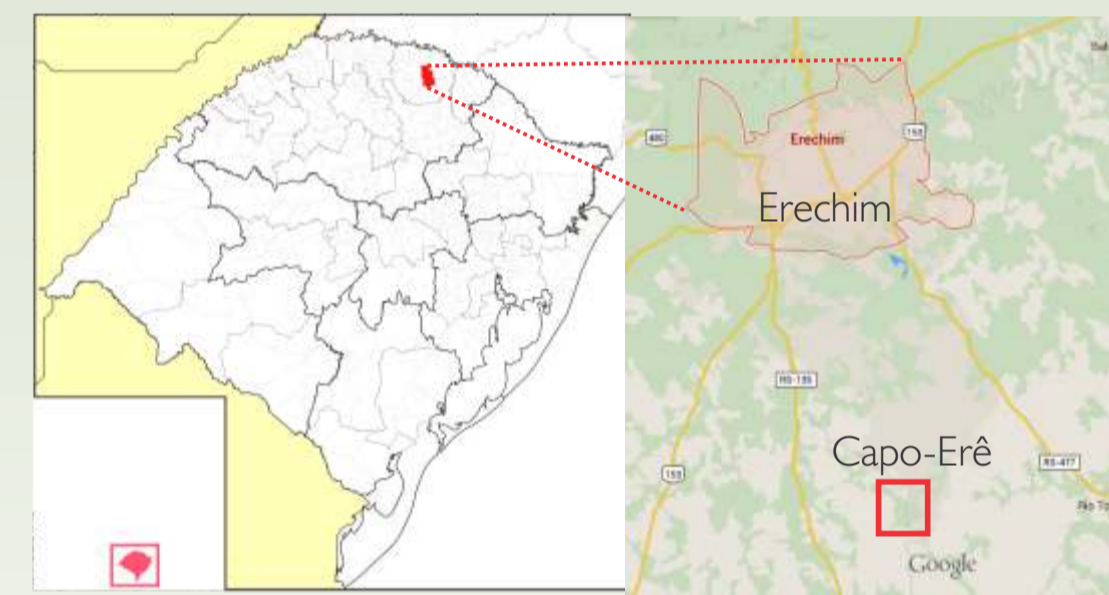
Criar espaços de integração com a disposição de caminhos alternados com nichos de estar, bem como estabelecer uma relação simples e direta entre edificações e espaço aberto.

### 5. VALORIZAR O QUE SE TEM

Respeitar os recursos naturais e elementos existentes no terreno, considerando-os na organização do espaço para que também recebam a manutenção necessária. As massas de vegetação deverão ser mantidas, bem como a edificação da antiga estação ferroviária, hoje utilizada para moradia mas com potencial para contribuir com a valorização do patrimônio e a memória do norte gaúcho. A topografia da região apresenta vantagens para explorar as visuais do Distrito, portanto deve ser tratada como uma condicionante positiva e que pode trazer mais qualidade na composição dos espaços públicos.

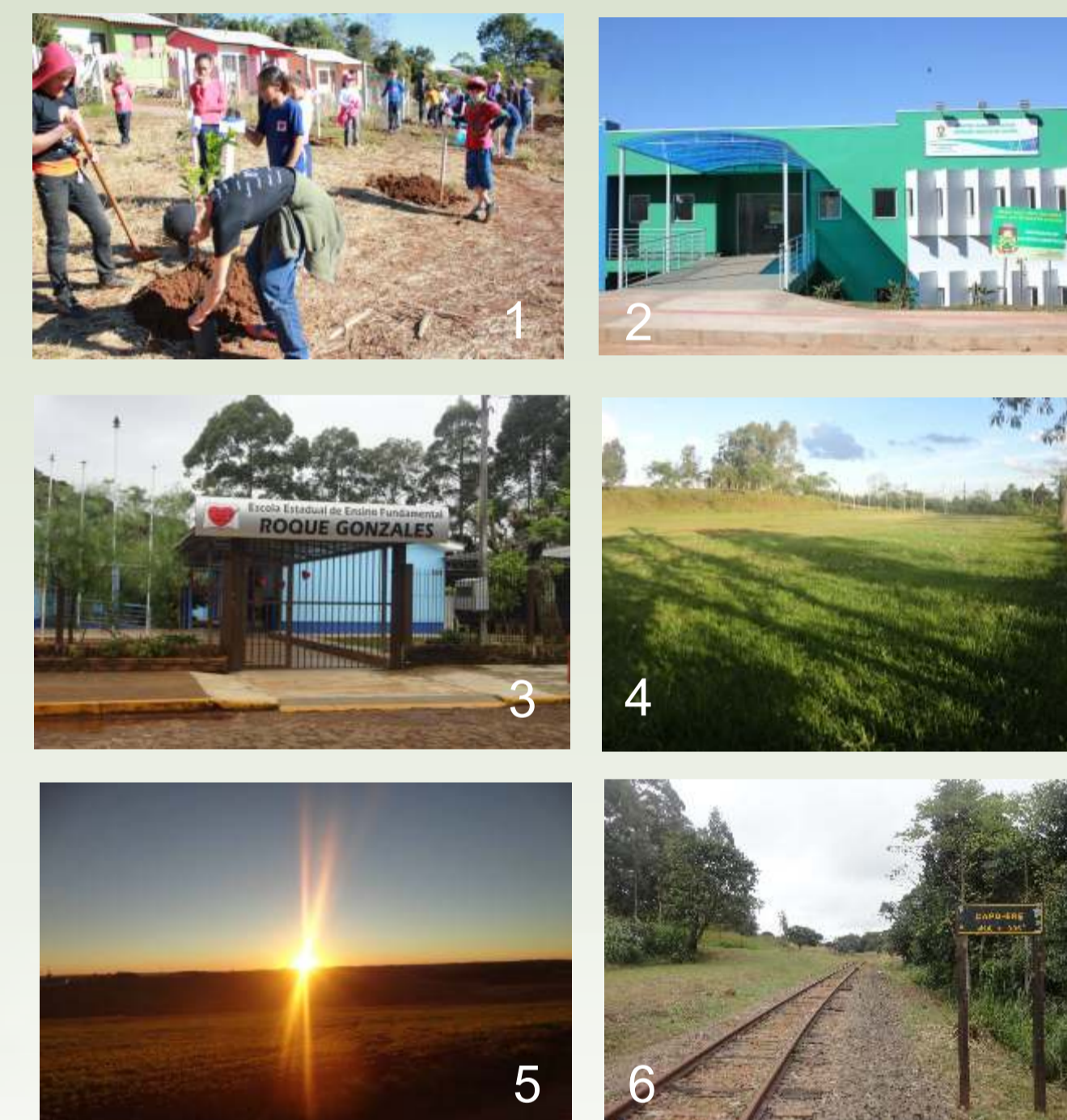
## PROPOSTA DE PROJETO

A proposta de projeto visa desenvolver um Centro Comunitário em uma pequena área rural situada na cidade de Erechim-RS, denominada Distrito de Capo-Erê. Com acesso pela RS 135, distante 18Km da cidade, o povoado hoje fica próximo do campus da Universidade Federal da Fronteira Sul, tendo cada vez mais possibilidade de fazer parte de uma área de ampliação do perímetro urbano de Erechim.



Como já discutido, podemos destacar que a ação de urbanizar uma região nem sempre garante o acesso aos serviços mais básicos que são fundamentais para o desenvolvimento de uma comunidade. Atualmente, a população local é representada por pouco menos de 2 mil habitantes, com uma tendência de aumento principalmente pelo crescimento das áreas próximas, incentivadas pela existência da nova universidade. Embora possua um número considerável de famílias vivendo no local, o Distrito ainda enfrenta problemas com relação à oferta de serviços e de espaços públicos para desfrute dos moradores, incluindo nestes áreas de lazer, cultura, esporte e educação. Funções básicas como acesso à internet são de má qualidade, o que prejudica o contato com meios de informação que são essenciais nos dias atuais. Embora pareça conter tudo o que é necessário para a rotina de qualquer pequena cidade, o Distrito necessita de outras opções que permitam uma vivência mais digna e de qualidade para toda a comunidade.

## ESPAÇOS EXISTENTES NA REGIÃO DE INTERVENÇÃO



Fontes: arquivo pessoal, 2015.

- 1 - Área de loteamentos e a população;
- 2 - Unidade básica de saúde. Atende nas especialidades médicas de: clínica geral, pediatria e atendimento odontológico;
- 3 - Escola Estadual de Ensino Fundamental Roque Gonzales;
- 4 - Área esportiva - Campo de futebol;
- 5 - Visual do Distrito para a RS 135;
- 6 - Ferrovia que passa pelo Distrito.

A comunidade que reside no Distrito é formada basicamente por famílias com integrantes de diferentes faixas etárias, incluindo muitos jovens.

## OBJETIVOS DO PROJETO

Dada a problemática do local e a necessidade de se criar espaços para o desfrute da população, - esteja ele ligado aos processos de trabalho ou descanso - é que se propõe um Centro Comunitário.

Anteriormente focado em um programa mais limitado, a nova definição do projeto teve influência de análises conjuntas, onde se verificou que a possibilidade de criar ambientes variados seria mais positiva para a região. Independentemente de ser habitado por pessoas que trabalham fora ou no próprio local, o Distrito faz parte do meio rural, e por consequência, não teve amparo e oferta suficiente de serviços de qualidade para a sua comunidade.

A partir disso, o objetivo principal do projeto é criar espaços públicos e dar usos aos mesmos por meio da presença de equipamentos e mobiliário urbano. Neste sentido, o objeto arquitetônico buscará abrigar usos voltados para a prática de atividades físicas, para o lazer e oferta de atividades lúdicas e culturais, além de espaços para garantir o acesso básico às tecnologias para a aprendizagem e conhecimento dos moradores.

Além de todo o equipamento necessário, será concebida uma grande praça/parque onde estarão contemplados esses usos, trabalhando com a vegetação já existente do espaços e do entorno geral.

Objetivos específicos do projeto:

- Adequar o espaço rural já caracterizado por paisagens naturais em um espaço de interesse público, buscando a apropriação pela população local;
  - Adequação aos diferentes públicos existentes;
  - Acessibilidade e permeabilidade;
  - Inserção no terreno;
- A proposta do Centro Comunitário pretende abrigar diferentes formas de inclusão (social, cultural) por meio de ambientes multiuso.

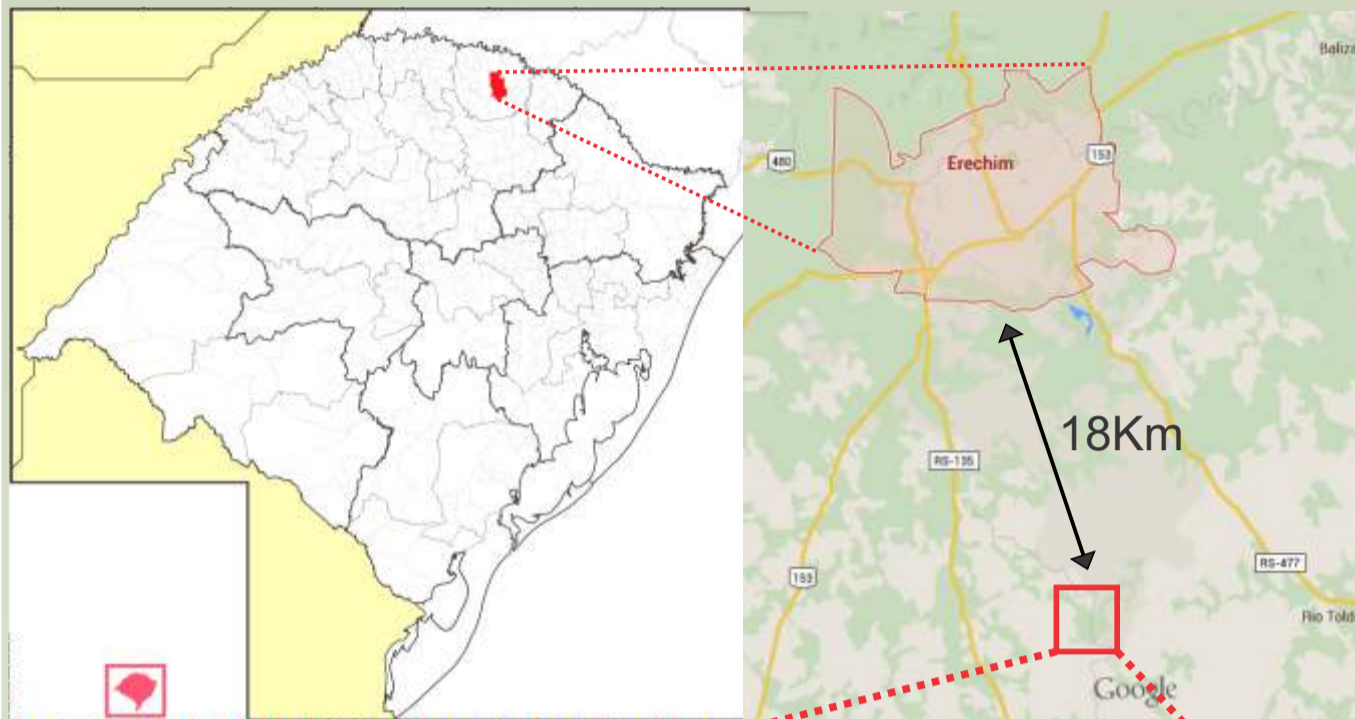


## APROXIMAÇÃO DO LOCAL E A DEFINIÇÃO DA PROPOSTA

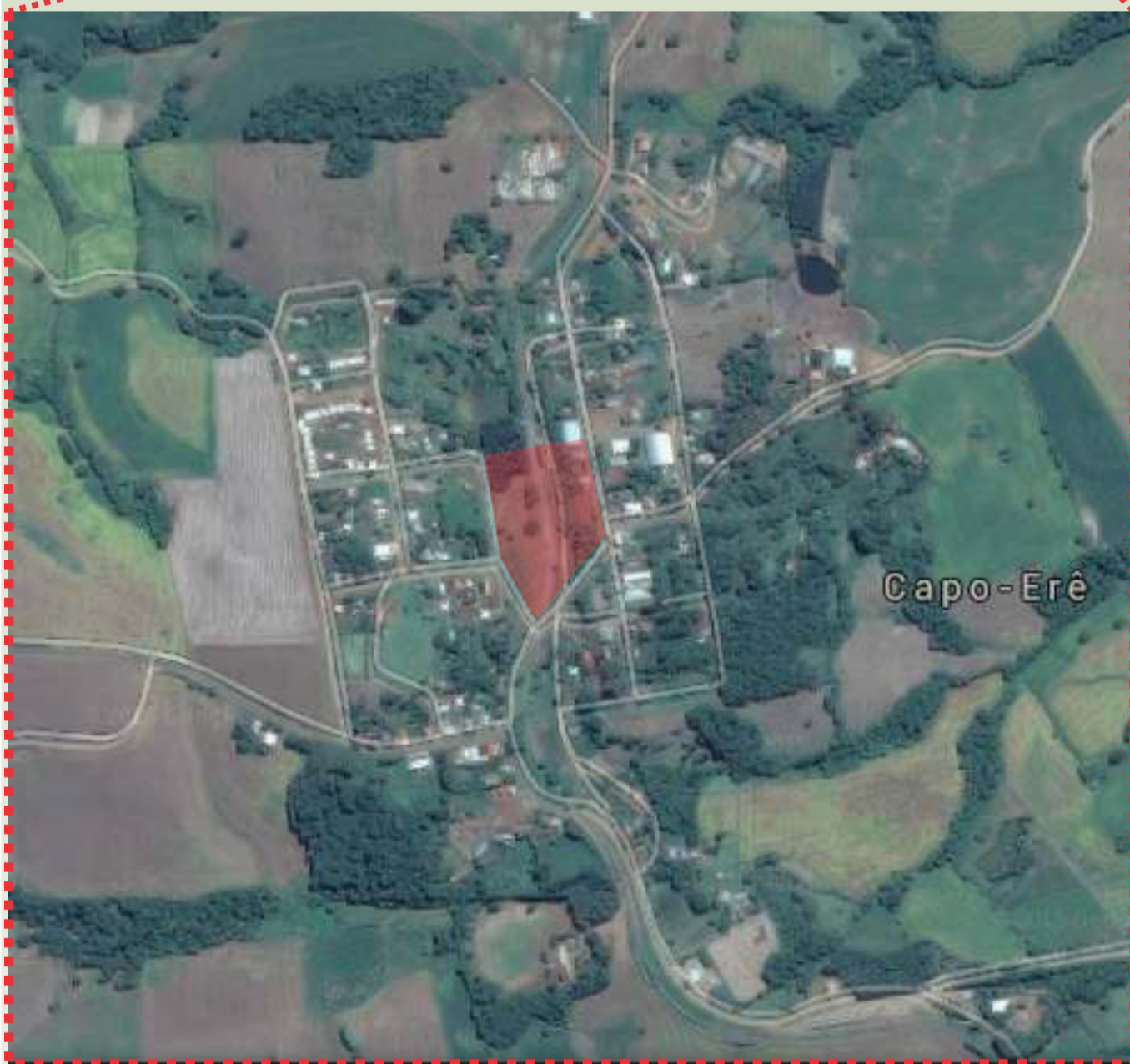
Os usos da região se organizam em uma malha ortogonal, com loteamentos intercalados com alguns serviços e comércio. Pelo mapa da região, é possível perceber que a linha férrea "corta" o Distrito ao meio, mantendo consigo uma faixa que divide a região em duas partes. Por ser uma área central e conter elementos que fazem parte da história do RS, foi a escolhida para abrigar o Centro Comunitário. Localizado sobre um miolo entre duas ruas que se cruzam no centro do Distrito, o terreno engloba a antiga estação, a linha férrea e densos de vegetação.

Além de estar em uma área central e pública, o terreno também é ponto de encontro entre ruas quem dão acesso à outros municípios além de Erechim, como Marcelino Ramos e Áurea. Embora o trajeto destas seja por meio de estrada de chão, não diminui a possibilidade de ser um ponto de movimento na área do Distrito. Dessa forma, atrair usuários de outros lugares para o espaço é maior, o que também incentiva a integração e o compartilhamento de experiências entre pessoas de diferentes regiões no Centro Comunitário.

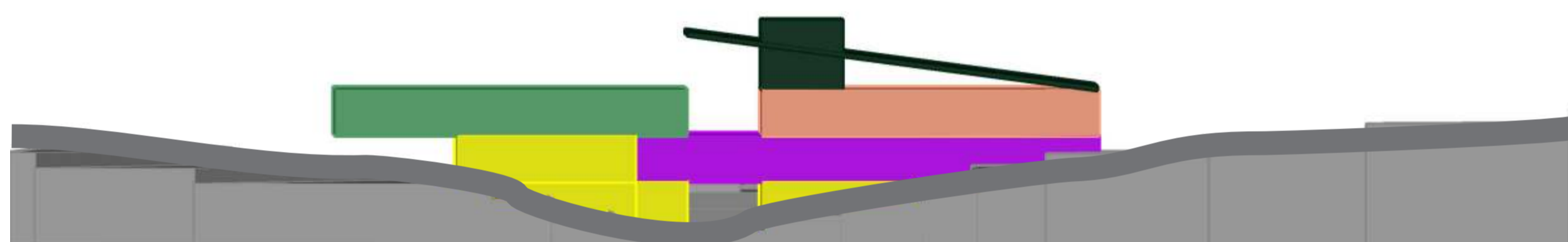
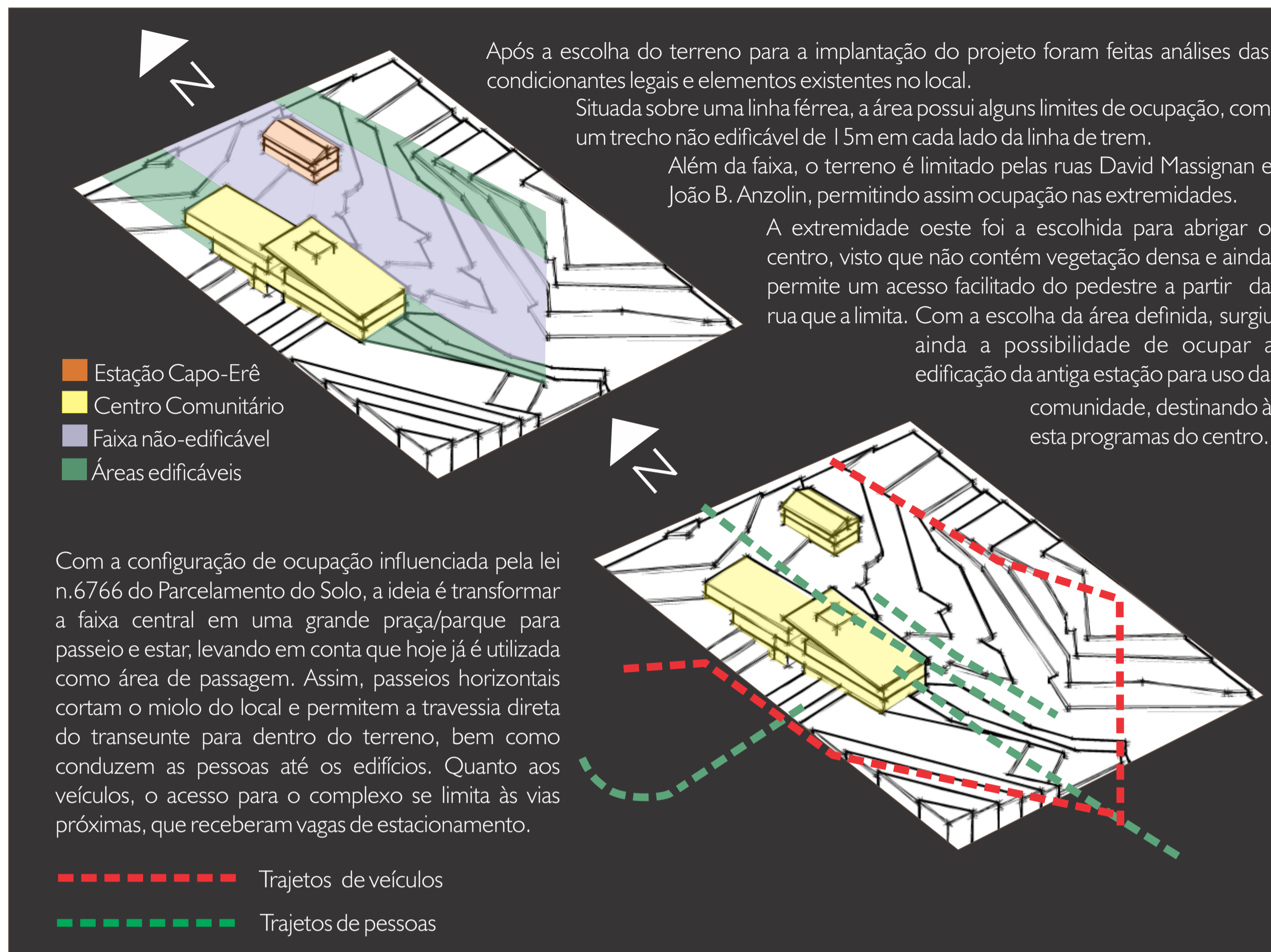
Por ser definido como zona rural, o Distrito de Capo-Erê não conta com regime urbanístico, ou seja, para a aprovação de um projeto é necessária a avaliação de um corpo técnico formado por profissionais engenheiros e arquitetos da Prefeitura Municipal de Erechim. Atualmente, os loteamentos são divididos em terrenos de 20x50, e a projeção de ampliação da prefeitura acontece nos dois lados da malha. Como o terreno escolhido está numa faixa de domínio público, provavelmente será mantido por muito tempo como ponto central na comunidade, o que é positivo. Nas fotos é clara a presença de declives nas extremidades, enquanto que a faixa da ferrovia mantém-se levemente plana, facilitando o acesso da população. Os trilhos encontram-se bem conservados e aparentes. A estação, hoje ocupada, encontra-se um pouco deteriorada e com alterações, necessitando de reparos em caso de utilização no projeto.



O distrito e o terreno escolhido



Área total do terreno: 8.580m<sup>2</sup>



## INSERÇÃO NO TERRENO

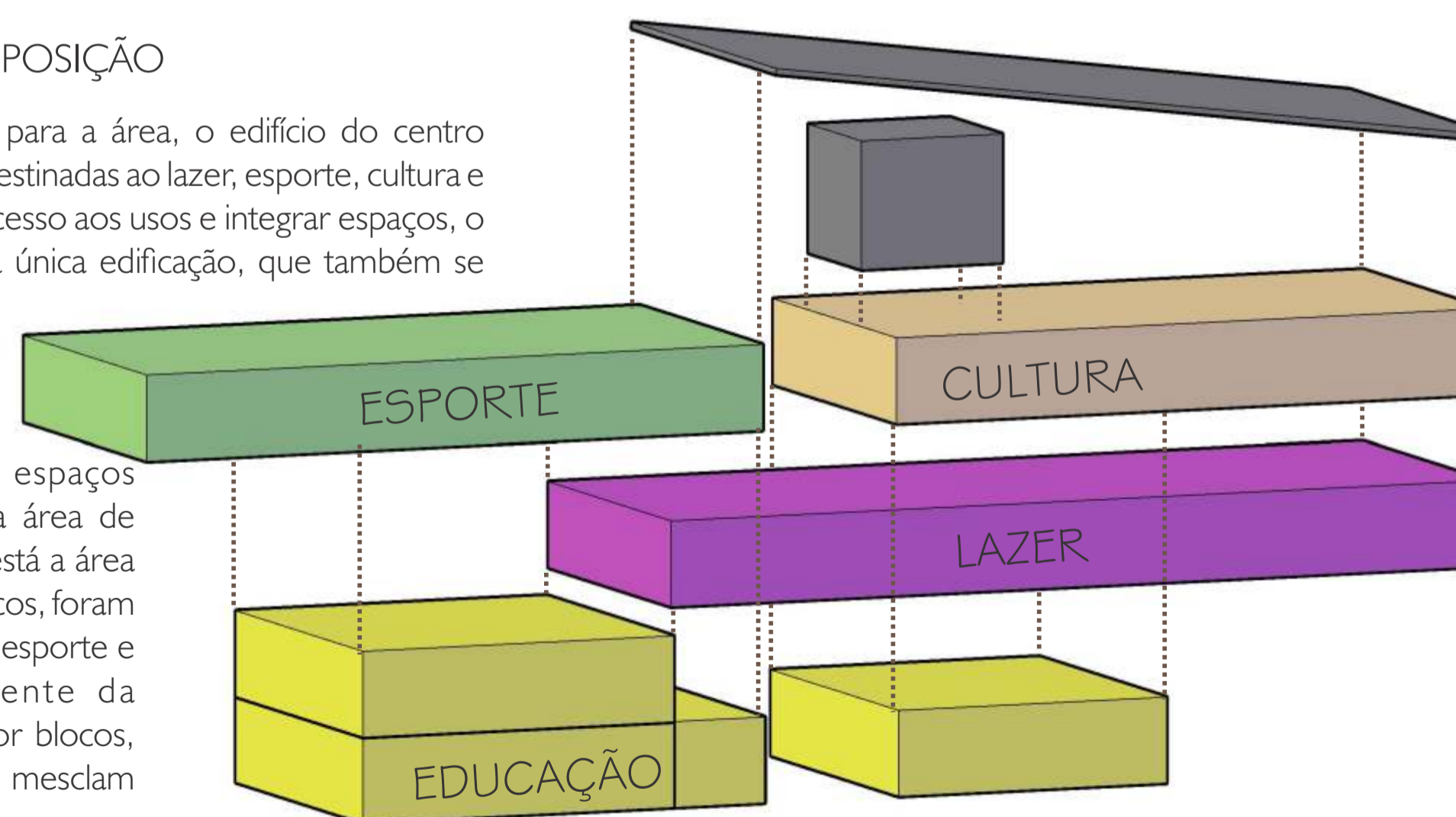
O centro comunitário é conformado por diferentes programas em um único espaço, que integra áreas internas e externas. A volumetria surge em blocos de formas bastante puras, dispostos em um terreno com declive acentuado.

Embora a edificação seja composta de três pavimentos, buscou-se manter a horizontalidade que é muito presente na região do Distrito. Assim, a proposta foi trabalhar com blocos alongados e revestidos com materiais que seguissem as linhas longitudinais.

## O PROGRAMA E SUA DISPOSIÇÃO

Mantendo o programa inicial para a área, o edifício do centro comunitário abriga atividades destinadas ao lazer, esporte, cultura e educação. A fim de facilitar o acesso aos usos e integrar espaços, o programa é disposto em uma única edificação, que também se configura em um elemento de transição entre a rua e a praça do terreno.

No térreo, estão locados espaços educativos juntamente com a área de recepção do usuário. Acima, está a área de lazer e, nos dois últimos blocos, foram dispostos espaços voltados ao esporte e cultura. Independentemente da configuração de programas por blocos, os espaços se relacionam e se mesclam no interior do edifício.



IMPLANTAÇÃO ESCALA 1:750

Na implantação, é possível visualizar o terreno e seu entorno imediato, composto de algumas ruas, residências e edificações de serviços e comércio, como agropecuária (1) e escola estadual (2). Com destaque para uso no projeto, estão a edificação do Centro Comunitário e a antiga estação, agora também incluída como um elemento de apoio aos programas definidos.

As ruas David Massignan (A) e João Batista Anzolin (B) são as que circundam o terreno e que fazem a principal ligação entre os dois lados divididos pela linha ferroviária. As demais, denominadas José Zambonato (C), Maximiliano Zambonato (D), Ruas nº 15 (E) e 14 (F) são ruas de fluxo mais moderado.

Em vista do espaço disponível e do programa da edificação, descartou-se a necessidade de projetar uma área específica para estacionamento de veículos. Dessa forma, ao invés de tirar área do terreno, propôs-se um novo gabarito para as ruas da região, principalmente as principais que estão em contato direto com o Centro Comunitário.

A rua David Massignan foi colocada em sentido único a fim de manter o recuo ao lado da edificação, bem como permitir a redução da velocidade dos carros para melhor acesso do pedestre ao complexo. No sentido do fluxo da rua, foram colocadas vagas em sentido oblíquo, cortadas por uma faixa de piso elevada para a travessia dos visitantes.

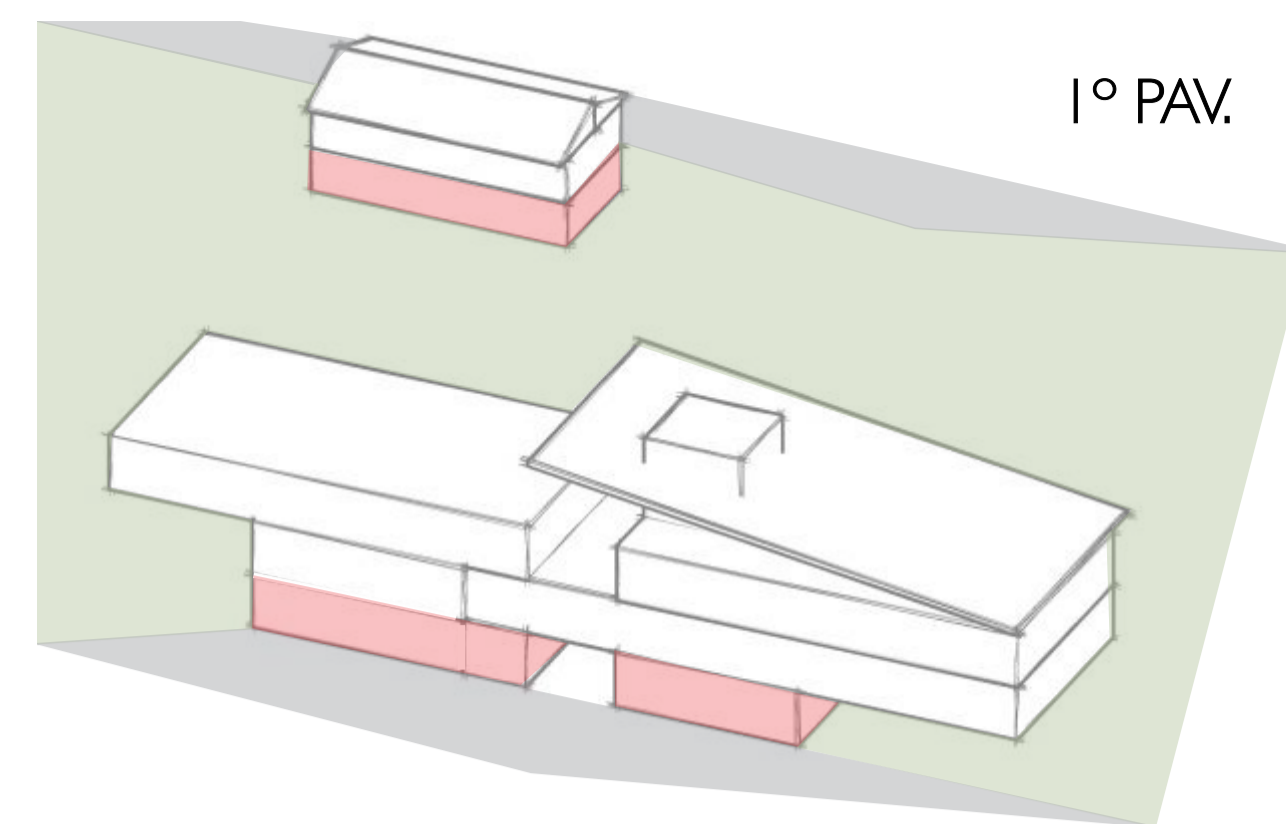
A rua João B. Anzolin também possui boa parte do estacionamento em sentido oblíquo, a única exceção se dá próximo ao cruzamento das duas vias, onde as vagas paralelas evitaram o roubo de área da praça. Com as alterações propostas, as ruas de dois sentidos passam a ter 5m, e a de mão única, 3m.

O passeio - até então inexistente na região, - foi projetado com 1,5m de largura em todos os percursos. Também foi proposto um pequeno desvio na rua nº 14 que fazia o acesso à algumas residências no local, a qual possuía um desencontro no cruzamento que atrapalhava o acesso ao complexo. Nas duas entradas do centro comunitário, foi projetado caminho de pavimento elevado e acessível que atravessa as vias, a fim de facilitar a passagem.





PLANTA BAIXA TÉRREO ESCALA 1:200



PROGRAMA	ÁREA
Centro:	Centro:
1 - Hall de entrada e passagem	60,10m <sup>2</sup>
2 - Recepção / reprografia	20m <sup>2</sup>
3 - Salão de leitura	40m <sup>2</sup>
4 - Biblioteca	30m <sup>2</sup>
5 - Telecentro	30m <sup>2</sup>
6 - Sala de cursos	22,40m <sup>2</sup>
7 - Sanitários	48m <sup>2</sup>
Estação:	Estação:
8 - Sala de vídeo	22,85m <sup>2</sup>
9 - Sala de exposição	60m <sup>2</sup>

O acesso ao Centro Comunitário se dá por duas aberturas no sentido longitudinal da edificação que, juntas, cortam o térreo, formando uma passagem direta entre a rua e a praça do terreno. A largura total dessa passagem é de 5m, de onde o visitante pode seguir para a área educacional, para os sanitários comuns ou para os outros espaços por meio da circulação vertical que se encontra centralizada na edificação.

A recepção ao visitante ocorre juntamente com a área administrativa da biblioteca, onde os usuários poderão retirar materiais, reservar horários para uso do local ou agendar cursos presenciais de aperfeiçoamento. Ali também há um espaço destinado à sala de reprografia, para atender à população em necessidade de gerar e imprimir documentos importantes e educativos

A biblioteca é um espaço informal com variedade de recursos, possibilitando aos usuários visualizar e obter materiais como livros, revistas, jornais, jogos, filmes, entre outros. Possui prateleiras para consulta e uma grande mesa com bancos na sala de leitura, de forma que todos ali utilizem o mesmo mobiliário.

O telecentro se conforma em um espaço de uso bastante livre, ou seja, de acordo com o interesse do visitante. Assim, pode atender pessoas na necessidade de acesso gratuito à internet, execução de trabalhos, conferir informações importantes e desfrutar do lazer por meio de jogos e brincadeiras.

Ao lado da recepção se dá o acesso à uma sala mais reservada, que poderá ser utilizada para cursos na área da informática, mídia e tecnologias. Contém uma cobertura extra que permite maior privacidade aos estudantes.

Os sanitários existentes no térreo são de fácil acesso e facilitam o atendimento de usuários que estejam de passagem na praça. Não possuem aberturas nas paredes externas, portanto, a solução foi criar janelas altas sobre os lavatórios, visto que o espaço garante a circulação pelas grandes aberturas do acesso.

A circulação vertical na edificação se dá por meio de um bloco único, contendo uma escada em concreto e corrimão metálico, além de um elevador. Como o acesso que corta a edificação fica sempre aberto, foram locadas portas em madeira do tipo camarão em cada ambiente do térreo, além de uma porta corrediça sobre o acesso da escada para momentos em que o edifício estiver fechado.

**Estrutura:**

Os volumes que abrigam o térreo são construídos em sistema estrutural de gabião. Para o preenchimento das gaiolas foi escolhida a pedra basalto, visto a abundância da mesma na região e o resultado estético bruto. Na extremidade em que comporta a circulação vertical e os sanitários, a estrutura de pedra se finda em um pé-direito de 2,80m; já na área educacional o pé-direito é mais alto, chegando aos 6m. Esta solução possibilitou a abertura de janelas altas na fachada norte para a entrada de ar natural no espaço, visto que boa parte deste se encontra enterrado no terreno em declive.



**ESTAÇÃO FÉRREA - MEMORIAL DA ARQUITETURA FERROVIÁRIA DO RS**

A estação existente no Distrito de Capó-erê é uma edificação antiga, construída em 1910 e que, portanto, faz parte da história das ferrovias do RS e do Brasil. No projeto, a proposta é desapropriá-la para que se conforme em um memorial da arquitetura ferroviária no RS. Para auxiliar o entendimento dos visitantes, a ideia é locar na edificação equipamentos tecnológicos que permitam a interação de maneira visual, auditiva e tátil. Uma sala de vídeo e um salão de exposição no térreo atraem o público para explorar os documentos e fotografias da história, com o apoio de uma pequena recepção. Acima, a proposta é manter uma maquete em grande escala mostrando o percurso das linhas no estado do RS, além de um telecentro de apoio para pesquisas relacionadas aos elementos presentes nesse memorial. Para realizar o programa da edificação, foi realizado um levantamento das medidas externas como base.

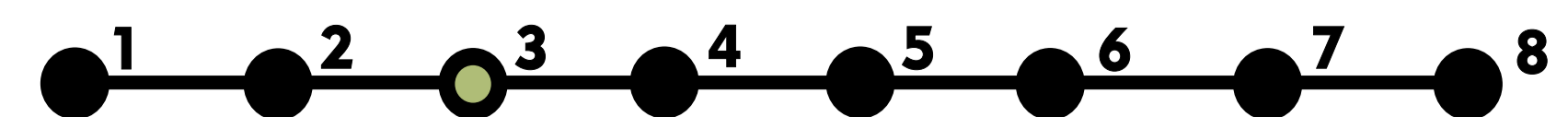
Fonte: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_marcelino-stamaria/capo.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_marcelino-stamaria/capo.htm)

**REFERÊNCIA PARA A INTERVENÇÃO:**

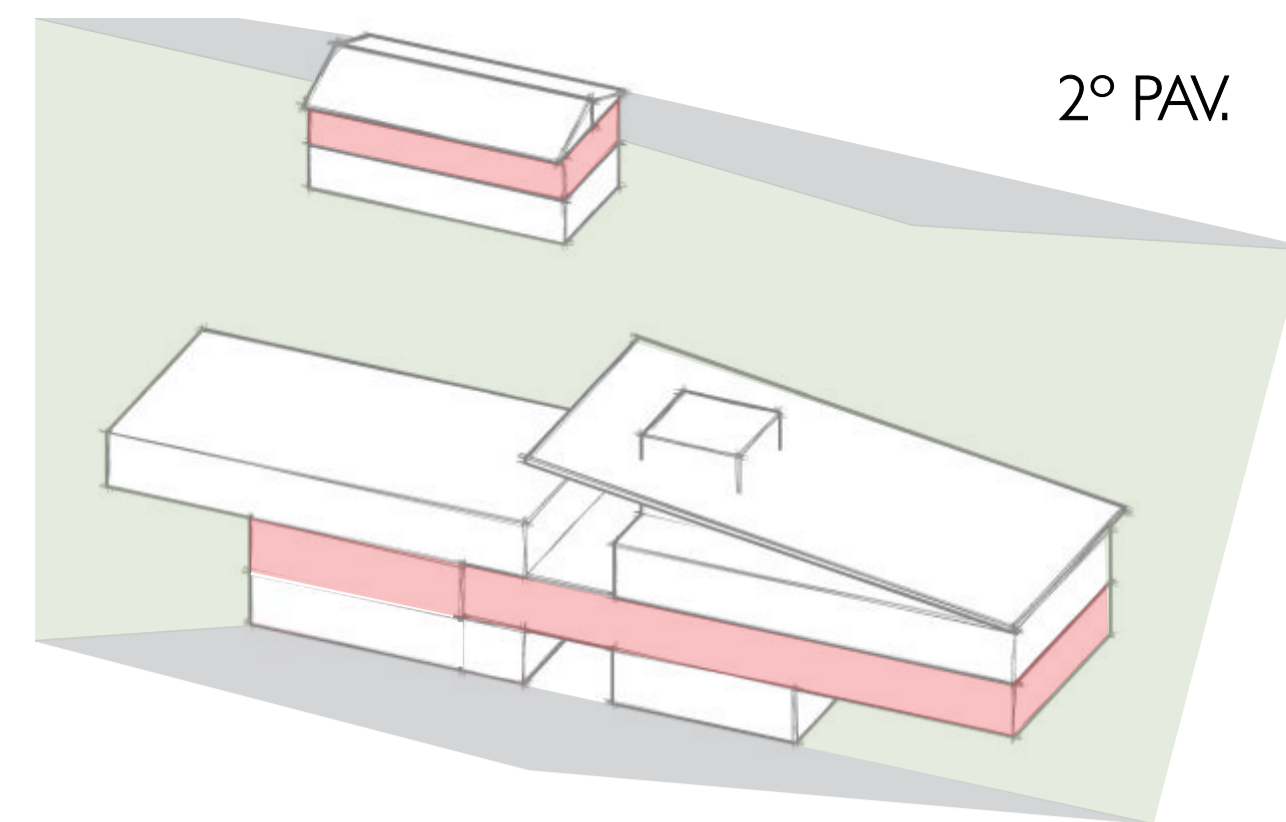


Museu da Hering, em Blumenau - SC. O museu da empresa de vestuário foi inaugurado em 2010, onde se organizaram instalações para visitação dentro de uma casa. A edificação em questão faz parte de um conjunto arquitetônico histórico da companhia, e atualmente é tombada pelo Patrimônio Histórico do estado. Como se pode ver, a edificação é construída com a técnica europeia do enxaimel, e se encontra em ótimo estado de conservação. O museu apresenta aos visitantes um pouco da indústria têxtil e da história da empresa ao longo dos anos, utilizando para isso diferentes recursos interativos, como painéis expositivos, telões com vídeo e fotografias.

Fonte: <http://www.museuhering.com.br/galeria/#>







PROGRAMA	ÁREA:
Centro:	Centro:
1 - Hall / loja/estar	90m <sup>2</sup>
2 - Sanitários	6,40m <sup>2</sup>
3 - Cozinha	15,60m <sup>2</sup>
4 - Exposição café	13,25m <sup>2</sup>
5 - Praça alimentação	108m <sup>2</sup>
6 - Deques	145m <sup>2</sup>
Estação:	Estação:
7 - Sala expositiva / maquete	22,85m <sup>2</sup>
8 - Telecentro / depósito	60m <sup>2</sup>

Como o segundo pavimento se conforma em uma área mais comercial, foi também o escolhido para abrigar uma loja para a venda de produtos feitos pela comunidade. A ideia é que este espaço funcione como uma bancada de exposição, onde os visitantes possam comprar e também vender artesanatos, acessórios, alimentos e outros artefatos produzidos no local.

A exposição dos trabalhos feitos pelos frequentadores do centro comunitário existe no terceiro e quarto pavimento, acontecendo em áreas de corredor que é onde o visitante sempre passa por primeiro. Ambas exposições acontecem em forma de painéis móveis.

O café e suas instalações se localizam centralmente no pavimento, permitindo que os corredores laterais sirvam de passagem para os visitantes. Entre a cozinha e o bloco de circulação vertical foi instalada uma dupla de sanitários acessíveis, facilitando o acesso ao serviço para quem utiliza este espaço. Localizado no miolo dessa estrutura está o shaft para circulação de ar dos sanitários e da coifa da cozinha, localizada na mesma parede.

**Praça Alimentação:**

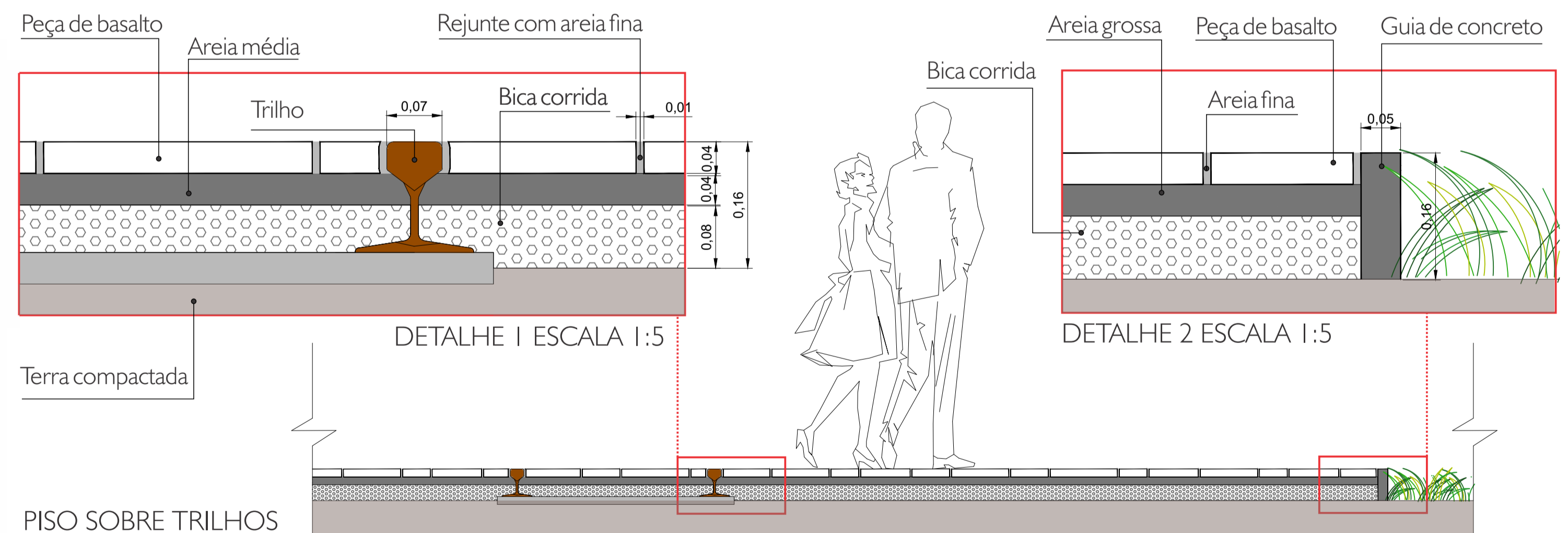
Na extremidade sul do segundo pavimento encontra-se o espaço de alimentação, com uma área de mesas em frente ao deque que acontece em patamares e encontra o caminho de acesso da praça. Nesse espaço, o pavimento abre suas paredes laterais para trazer maior integração entre a área do café e a praça externa. A cobertura é garantida pela existência de um terceiro pavimento, que abriga a área cultural e esportiva. Para conter o limite do piso foi proposto um guarda corpo em vidro que proporcionasse o máximo de visualização entre as pessoas usuárias do centro.

Os deques que ligam um dos acessos da praça com a área do café são em madeira e acontecem em níveis diferentes, com a transição feita por meio de lances de escada contínuos, podendo assim serem utilizados como pequenos bancos externos para quem está no local.

**Estrutura:**

A estrutura do segundo pavimento é em concreto cru, possuindo aberturas em fita de vidro por toda a extremidade leste e oeste. Para conter a entrada de sol nas duas fachadas, foram instalados painéis contínuos de aço corten perfurado sobre as aberturas. A solução permite que o usuário do espaço visualize o exterior de maneira indireta, ao mesmo tempo que observa o material de perto. Para permitir uma ventilação adequada, os painéis foram instalados a um metro de distância das paredes. As vigas metálicas dos blocos de concreto ficam aparentes, a fim de dar força às linhas horizontais.

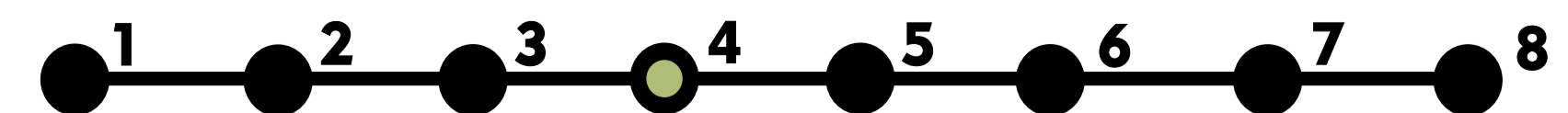
O segundo pavimento é apoiado sobre a estrutura de gabião, e onde esta se conforma com um pé-direito mais alto foi aberto um grande pano de vidro, que possibilita ao visitante do café uma visual de toda a área educacional localizada mais abaixo, no pavimento térreo.



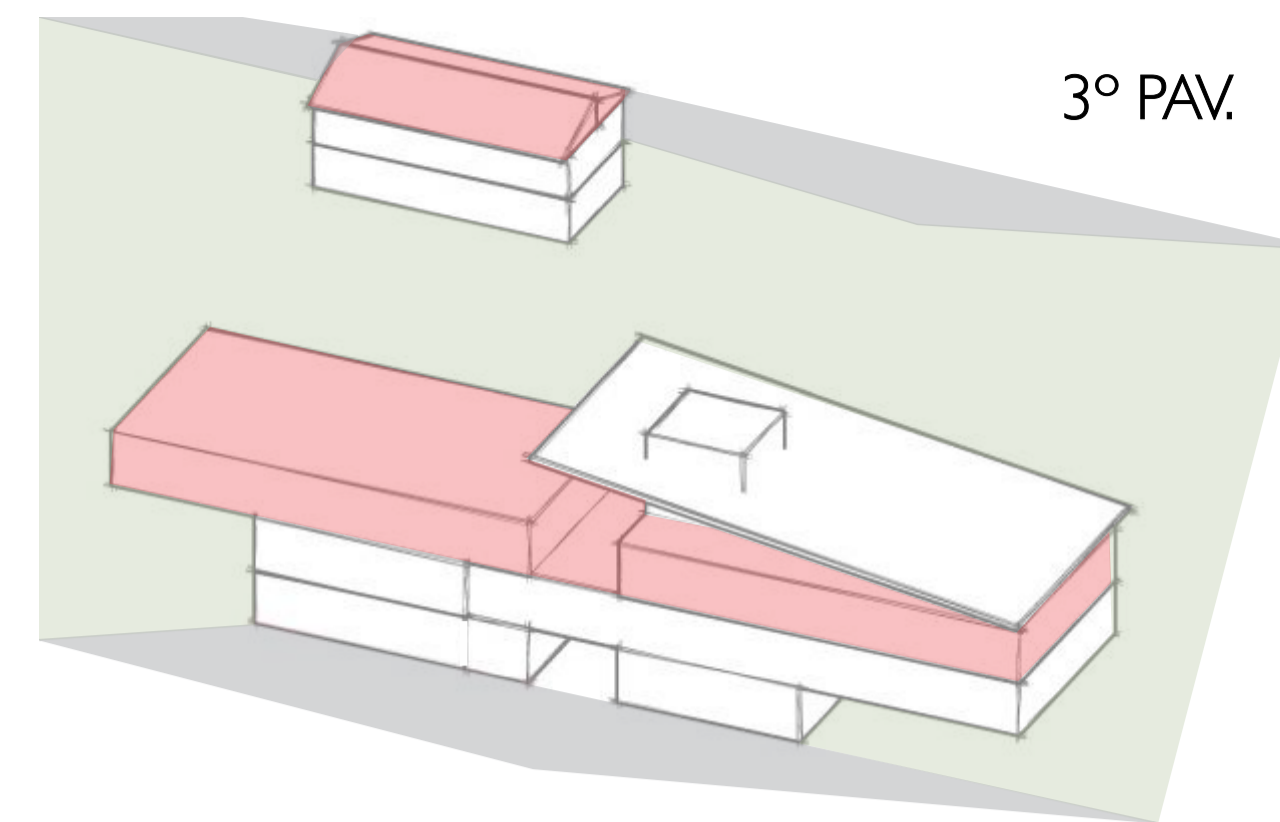
A praça é o miolo do terreno escolhido, utilizada como área de passagem por diversos moradores do local; assim, a intenção da mesma é manter esse fluxo sem grandes interrupções, ao mesmo tempo que dispõe de algum mobiliário. Nesse sentido, funcionará como um pequeno parque de travessia e de permanência, com pequenas arquibancadas em madeira para o descanso dos visitantes. Ao lado destas, nichos se abrem no piso dos caminhos para que o cadeirante se sinta acolhido ao lado dos companheiros de passeio.

Com a intenção de manter a continuidade do passeio, os caminhos surgem em forma de grandes linhas, construídos em pedra basalto irregular nas cores cinza e ferrugem. Todo o percurso é acessível, já que foi elevado para a travessia das pessoas sobre os trilhos. O assentamento das peças sobre areia e bica é positivo para o local, já que é de fácil manutenção, fácil remoção em caso de necessidade e ainda possui bom índice de permeabilidade da água em dias de chuva.

PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO ESCALA 1:200







PROGRAMA	Áreas
1 - Hall aberto	60,10m <sup>2</sup>
2 - Armários	30,25m <sup>2</sup>
3 - Aeróbica	28,10m <sup>2</sup>
4 - Musculação	34,80m <sup>2</sup>
5 - Ginástica	40m <sup>2</sup>
6 - Luta	15,68m <sup>2</sup>
7 - Sanitários / vestiários	66m <sup>2</sup>
8 - Lavabos / depósito	6,40m <sup>2</sup>
9 - Sala oficinas	82,40m <sup>2</sup>
10 - Corredor / exposição	48,65m <sup>2</sup>
11 - Sala multiuso	68m <sup>2</sup>

No último pavimento, um hall aberto permite o acesso para a área esportiva e cultural, além da escada de serviços que leva ao reservatório e casa de máquinas.

A entrada da academia se dá ao lado dos sanitários, com um grande corredor dispondo de armários altos à direita e armários baixos à esquerda, onde estão as aberturas. Ao fim deste, está a recepção com nicho para aguardo dos visitantes. Este bloco conta com áreas para a prática de exercício com pesos (musculação), lutas, ginástica e aeróbica.

O conjunto de sanitários desse pavimento se abre para os dois lados, a fim de atender os públicos da área esportiva e da área cultural. Voltado para a área esportiva, conta com chuveiros, vestiários e armários para armazenar pertences pessoais dos usuários.

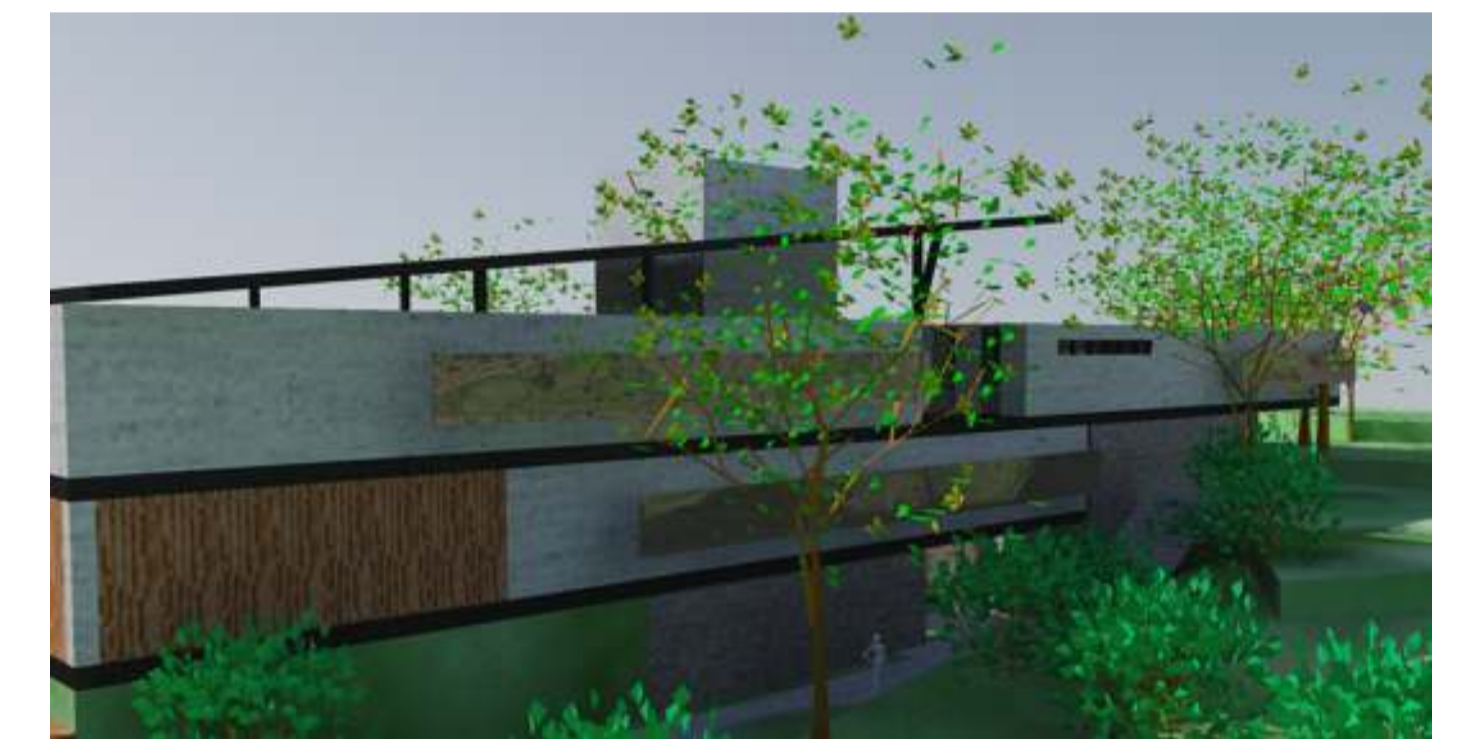
Assim como no segundo pavimento, será um espaço para exibição dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas do centro, além de conter painéis com informes sobre encontros, notícias e programação do cinema comunitário.

As oficinas se organizam em um grande espaço aberto, com armários para guardar materiais e equipamentos dos participantes. A área poderá abrigar trabalhos de artesanato, pintura, jogos e outros que forem de interesse da população visitante. Neste pavimento, atrás da circulação vertical, estão dois compartimentos com pia para lavagem das ferramentas que possam ser utilizados nas oficinas, bem como um armário para guardar materiais.

A sala multiuso se localiza na extremidade sul do pavimento e se conforma em um bloco mais fechado, a fim de permitir melhor acústica e uma iluminação controlada. Seu acesso se dá por meio do corredor oeste do pavimento, ao lado das oficinas. A definição de multiuso pretende atender necessidades variadas da população, como reuniões da comunidade, atividades de cinema e teatro.



Vista acesso fachada oeste

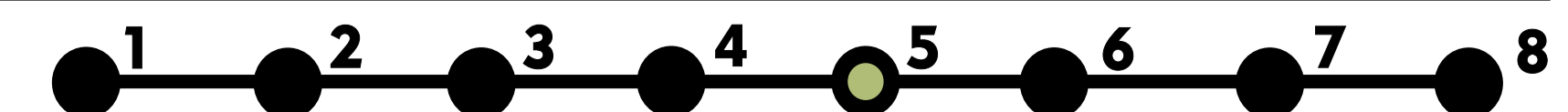


Vista acesso fachada leste

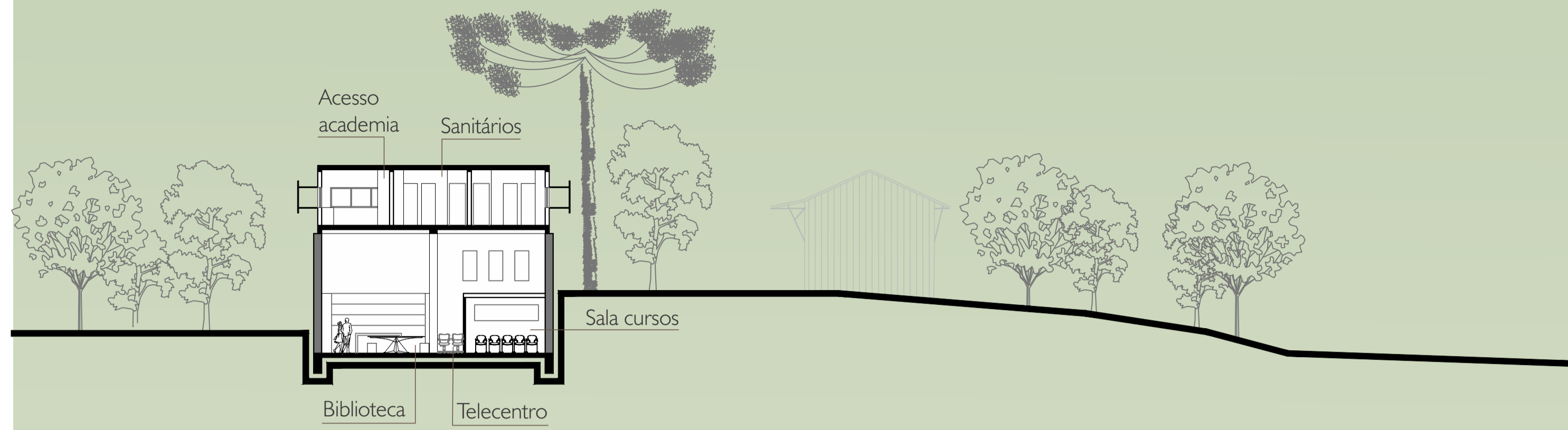
Por estar em uma área rural e, portanto, com muitos elementos naturais presentes, o projeto teve vegetação trabalhada com foco nas espécies herbáceas, que são de pequeno porte. As árvores existentes são em sua maioria grandes, sendo assim, para criar um diferencial foram locados apenas 4 ipês roxos, marcando os acessos do centro comunitário.

TABELA DA VEGETAÇÃO ESCOLHIDA PARA A PRAÇA

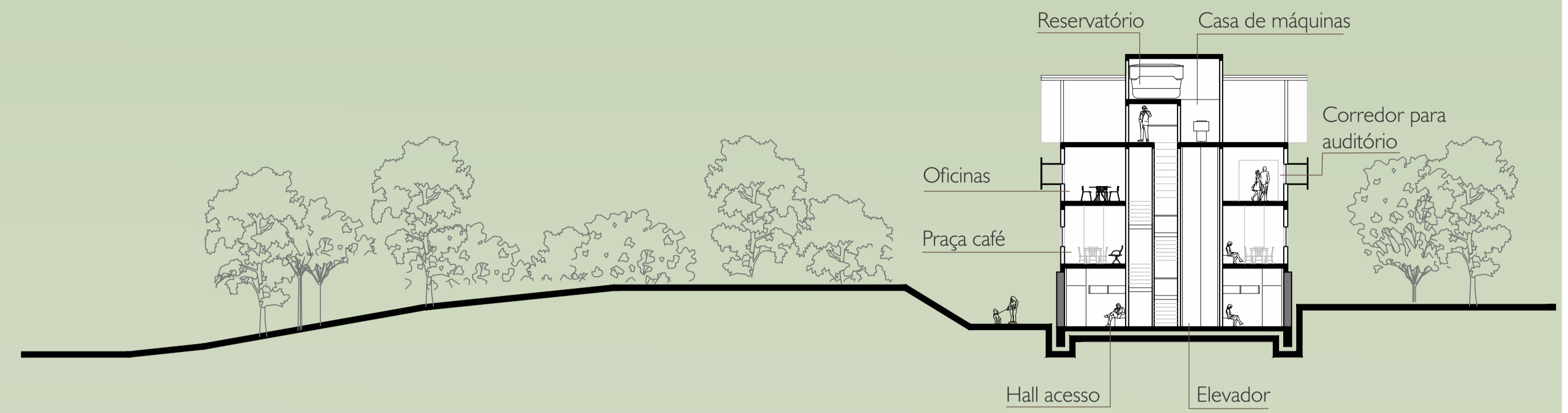
	Tipo	Código	Nome Popular / científico	Origem	Altura / diâmetro	Floração	Flores	Foto
Árvore		A1	Ipê roxo / <i>Tabebuia heptaphylla</i>	América do Sul	15m / 8m	Inverno/Primavera	Roxas ou rosas	
		H1	Grama-forquilha / <i>Paspalum notatum</i>	Brasil	30cm / -----	Primavera/verão	Vermelhas/laranjadas	
Herbáceas		H2	Capuchinho / <i>Tropaeolum majus</i>	Brasil	15m / 60cm	O ano todo	Branças amarelas	
		H3	Íris / <i>Sparaxis tricolor</i>	África do Sul	30cm / 60cm	Inverno/primavera	Vermelhas/amarelas	
		H4	Estrelitzia de lança / <i>Strelitzia juncea</i>	África do Sul	1,6m / 80cm	Verão	Vermelhas/laranjadas	
		H5	Trevo roxo / <i>Oxalis r. atropurpurea</i>	América do Sul	30cm / -----	O ano todo	Branco rosado	



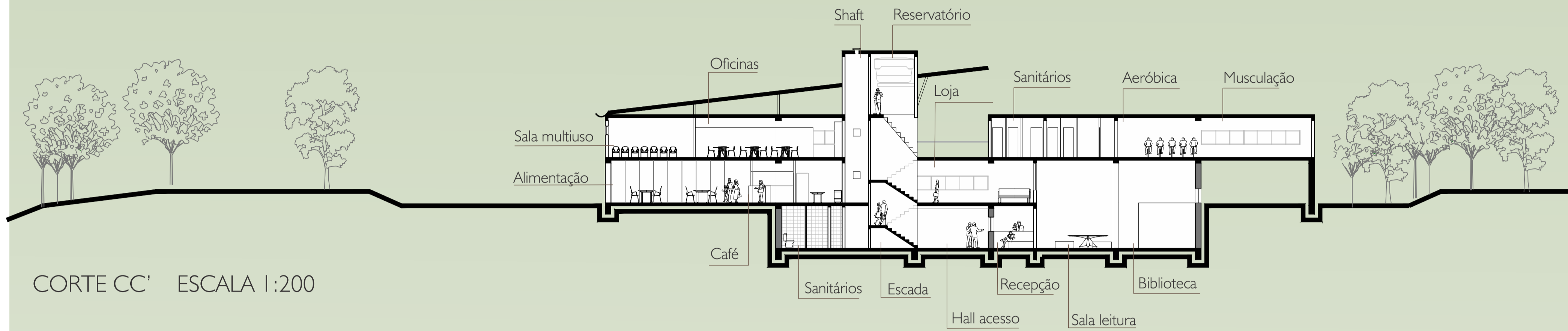




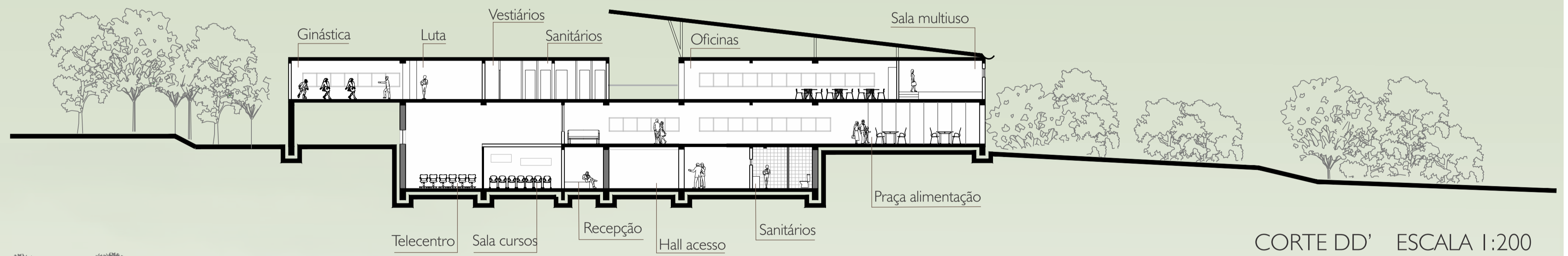
CORTE AA' ESCALA 1:200



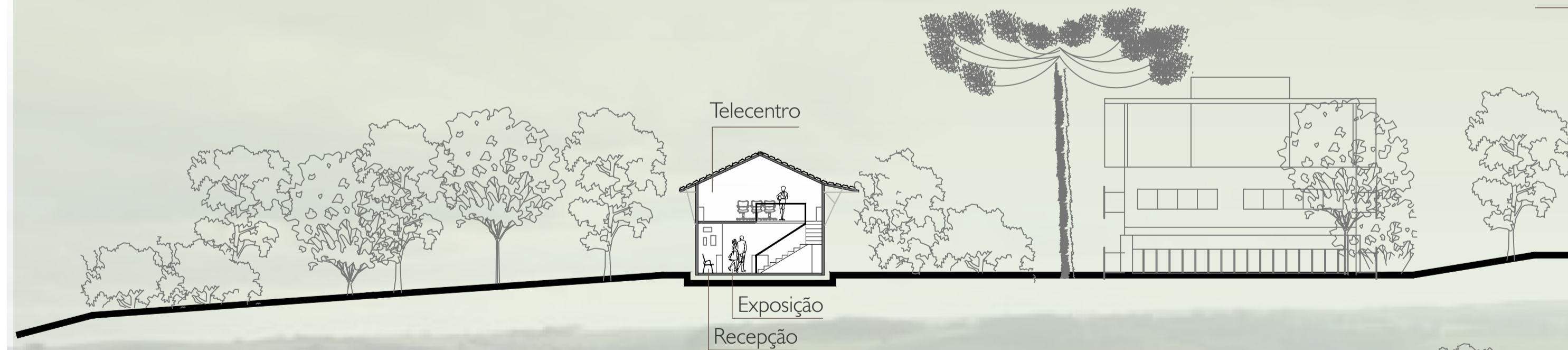
CORTE BB' ESCALA 1:200



CORTE CC' ESCALA 1:200



CORTE DD' ESCALA 1:200



CORTE EE' ESCALA 1:200



CORTE FF' ESCALA 1:200





## MATERIAIS ESCOLHIDOS PARA O PROJETO



Aço corten.  
Fonte: google imagens



Madeira.  
Fonte: google imagens



Pedra basalto ferruginoso.  
Fonte: google imagens



Pedra basalto.  
Fonte: google imagens



Concreto cru.  
Fonte: google imagens



Vidro.  
Fonte: google imagens

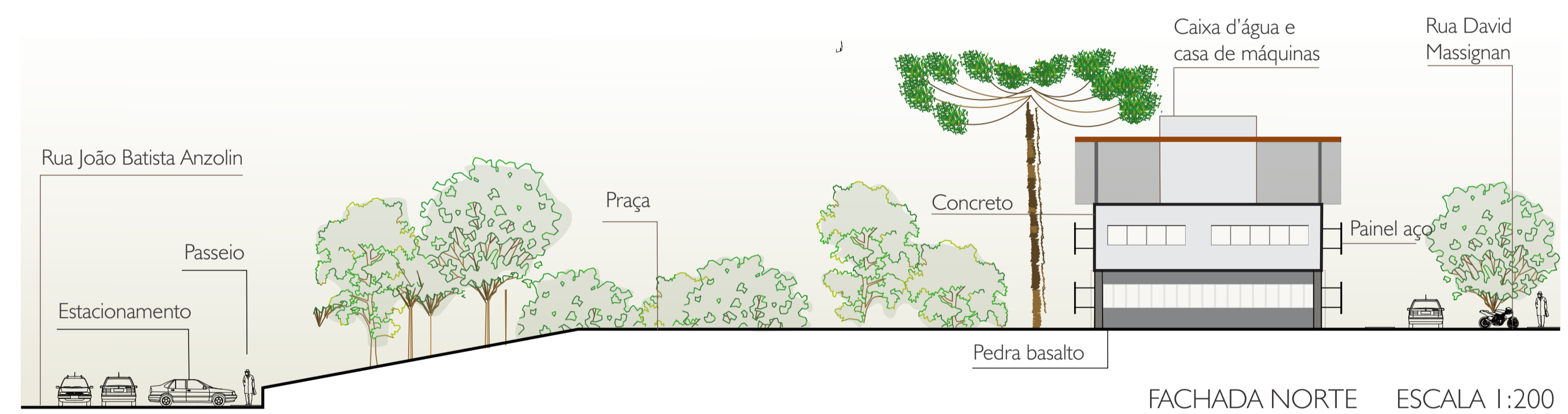
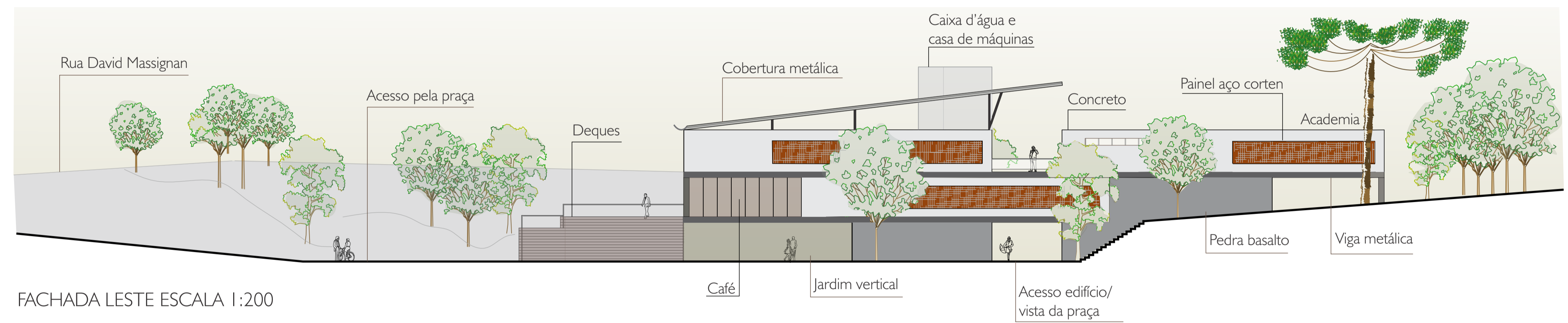
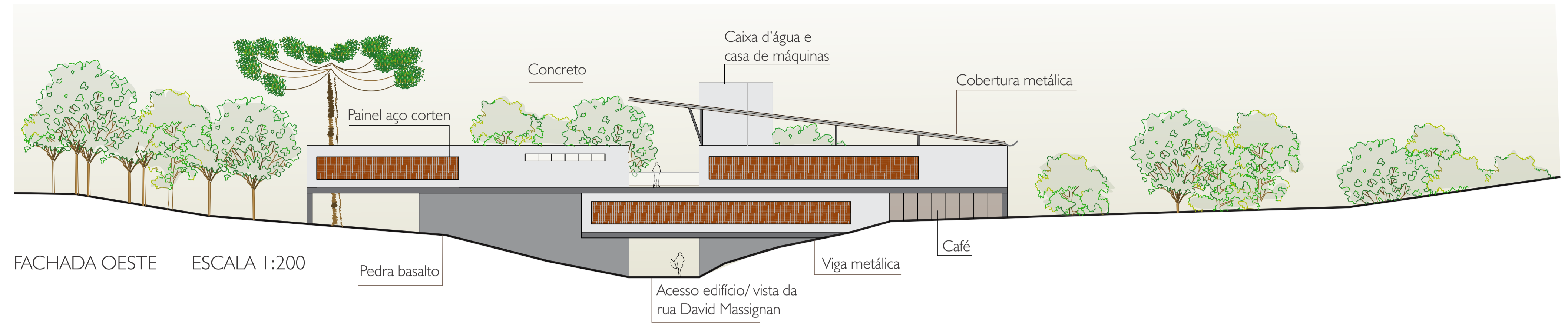
Utilizados nos elementos estruturais e revestimentos, os materiais foram escolhidos pela beleza e conforto que oferecem. Com uma limitação de área para trabalho da volumetria, optou-se pelo uso de diferentes materiais e texturas que pudessem trazer mais harmonia e variedade ao conjunto de formas puras presentes no edifício.

O térreo estruturado em gabião de pedra basalto traz robustez e forma uma base resistente para suportar os demais pavimentos. O concreto cru presente no segundo e terceiros blocos tem sua frieza quebrada pelos tons quentes dos painéis em aço corten. Os painéis ficam a um metro de distância de todas as janelas maiores das fachadas leste e oeste, servindo como brise de proteção ao mesmo tempo que permite a ventilação nos ambientes. Cada bloco de concreto tem suas vigas metálicas aparentes na fachada, contribuindo para a marcação de linhas horizontais no edifício.

Uma cobertura em estrutura e telhas metálicas é leve e garante proteção ao espaço de transição entre o bloco destinado à academia e o das oficinas. A madeira é utilizada em painéis divisores internos, no fechamento da área de alimentação do café e no deque externo, oferecendo calor e conforto para os espaços mais sociais. Na praça, o material aparece em pequenas arquibancadas que servem de descanso para os usuários do espaço aberto.

A pedra basalto também surge nos principais caminhos da praça, com peças irregulares que fazem a pavimentação até o fim da travessia das ruas David Massignan e João Batista Anzolin. O basalto ferruginoso, por sua vez, foi utilizado nos caminhos de transição entre as linhas marcadas na praça, que são trechos de menor dimensão.

Na fachada leste, uma parede externa localizada no térreo serve de base para um painel em fibra que dá sustentação à um jardim vertical, logo abaixo da praça de alimentação e ao lado dos deques. A edificação da estação ferroviária não teve modificações em sua dimensão e materiais, portanto, se mantém composta por estrutura e fechamento em madeira e cobertura de duas águas com telhas cerâmicas.







Vista caminho da praça com mobiliário



Vista acesso do café por deques



Vista acesso pela praça



Vista acesso e hall aberto



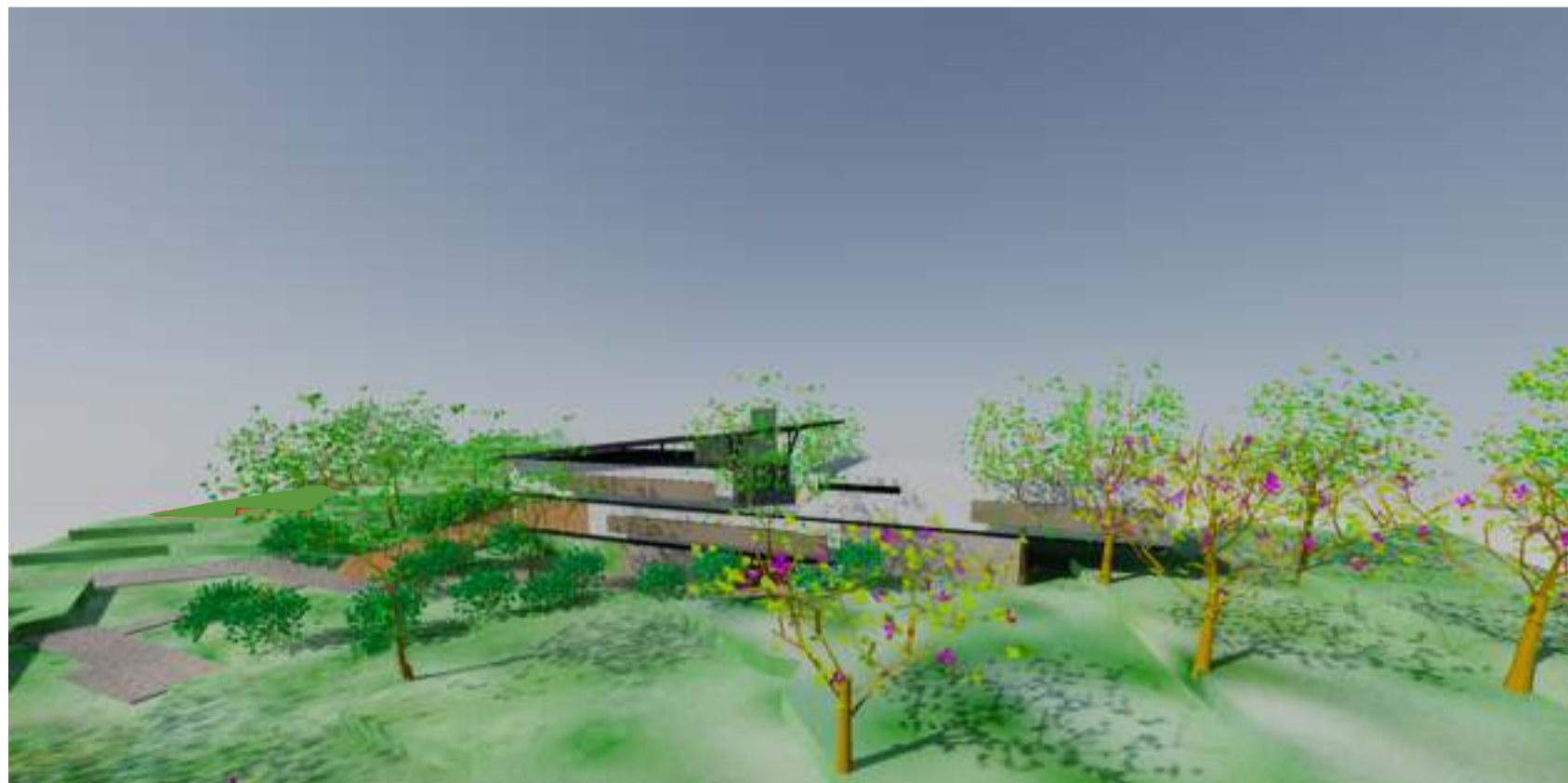
Vista norte - ponto mais alto do terreno



Vista acesso pela rua David Massignan



Vista fachada oeste



Vista leste geral



Vista noroeste

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Maria José; BRUNO, Regina; SECRETO, Maria Verónica (organizadoras). O campo em debate: terra, homens, lutas. - Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.

COSTA, Luiz Flávio de Carvalho; FLEXOR, Georges; SANTOS, Raimundo (organizadores). Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Políticas públicas de esporte e lazer: caminhos participativos. Motrivivência, Florianópolis: UFSC, ano X, n 11, p.47-68, julho 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4986/20400>>. Acesso em: 4 de julho, 2015.

ROCHA, Luiz Carlos; SILVA, Wellington Araújo. Tempo e lazer: relações com o tempo livre. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v.13, n.2, p.133-139, 2.sem. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3711/2552>>. Acesso em: 12 de julho, 2015.

SPOSETO, Maria Encarnação Beltrão; WHITAKER, Arthur Magon. CIDADE E CAMPO: relações e contradições entre urbano e rural. Maria Encarnação Beltrão Sposeto; Arthur Magon Whitaker (organizadores) – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2006.

VEIGA, José Eli da. Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. São Paulo. Editora Autores Associados, 2001.